



**Entrevista coletiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, em conjunto com o presidente da Venezuela, Hugo Chávez, com perguntas respondidas pelo presidente Lula**

**Manaus-AM, 30 de setembro de 2008**

**Jornalista:** Boa tarde a ambos os presidentes. Minha primeira pergunta é sobre os benefícios que vão trazer esses sete acordos e memorandos de entendimento assinados hoje entre ambas as nações. Estamos vendo acordos nas áreas de habitação e de agricultura. Por outro lado, depois dessa reunião entre ambos os presidentes, gostaríamos de conhecer, a propósito da crise financeira que se vive a nível mundial, se os senhores chegaram a algum acordo concreto que pudessem comentar, o que ambas as nações podem fazer para que não nos afete em grande medida essa situação de crise que se está vivendo nos Estados Unidos na área financeira?

**Presidente:** Vou apenas dizer à jornalista Ema Carolina que os acordos que nós firmamos hoje com o presidente Chávez, eu penso que ao longo do tempo mudarão a própria história econômica da Venezuela. A Venezuela, pela quantidade de riquezas que a natureza lhe deu, transformadas em petróleo, já poderia ter feito dela um país com a renda per capita quase igual à da Noruega. Entretanto, durante todo o século passado, esse petróleo foi explorado quase de graça por outros, e não pelo povo da Venezuela. Apenas alguns poucos se beneficiavam do dinheiro do petróleo. Por conta disso, a Venezuela não se desenvolveu industrialmente, tecnologicamente.

Eu sempre disse ao companheiro Chávez que era preciso transformar o dinheiro do petróleo no desenvolvimento da Venezuela, sobretudo em duas coisas fundamentais: industrialização do país e agricultura, porque a segurança alimentar é o bem maior de um povo. Nós conseguimos sobreviver sem nada,



agora, sem alimentos, a espécie humana não sobrevive.

Nossa relação tem melhorado de forma extraordinária. Há uma relação de confiança não apenas entre Chávez e eu, mas entre os nossos governos e, eu diria, entre o povo da Venezuela e o povo do Brasil, que está permitindo que o Brasil cumpra com o seu papel histórico. O Brasil é a maior economia do nosso continente, o Brasil é o país que detém maior tecnologia no continente, e o papel do Brasil é contribuir para que os nossos parceiros na América do Sul e na América Latina cresçam juntos, para que a gente se transforme num continente rico, num continente justo. O que nós fazemos com a Venezuela é o que fazemos com a Bolívia, com o Equador, com o Uruguai, com o Paraguai, com a Argentina, ou seja, aproveitar aquilo que cada um pode oferecer para o outro e fazer com que cresçamos juntos.

Se Deus quiser, com muito orgulho, no começo do próximo ano eu quero ir à Venezuela para a primeira colheita de soja, que deverá ser entre janeiro ou fevereiro. Imaginem se a Venezuela, além da quantidade de petróleo que tem, tiver produção de alimento, de carne, que possa alimentar o seu povo e ainda exportar para outros países do próprio continente. Imaginem o dia em que acontecer isso com a Bolívia, com todos os países, nós seremos um continente mais rico e o nosso povo vai viver muito melhor. Portanto, eu acho que esse é o impacto, e é um impacto mais rápido do que a gente possa imaginar.

Com relação à crise, uma coisa importante. Venezuela e Brasil se reuniam no Mercosul, nos encontros Íbero-Americanos, e nos encontrávamos uma vez por ano. Como Chávez estava sempre reclamando que fazíamos poucas reuniões, e eu reclamando que PDVSA e Petrobras não se entendiam – muitas vezes nós acertávamos um acordo, depois de um ano nos reuníamos outra vez, e desse acordo não tinha acontecido nada – propus ao companheiro Chávez que nos reuníssemos quatro vezes por ano: duas na Venezuela e duas no Brasil. Graças a Deus, essas coisas começaram a melhorar de forma extraordinária, e aquilo que demorava anos está acontecendo muito



rapidamente. E isso nós queremos fazer com todos os países porque eu acho que é uma obrigação do Brasil ser mais solidário com as economias mais frágeis do nosso continente.

Com relação à crise, primeiro, temos o mesmo diagnóstico: a crise é muito séria e tão profunda que ainda não sabemos o tamanho dela. Talvez seja uma das maiores crises econômicas que o mundo já viu. Qual é a diferença? A diferença é que nas crises que houve há 10 ou 15 anos, nos países asiáticos, na Rússia, os nossos países estavam muito fragilizados, economicamente frágeis. E quando os Estados Unidos espirravam, a Venezuela e o Brasil ficavam com pneumonia.

Agora, os Estados Unidos estão nessa crise, a Europa está atravessando problemas de crescimento econômico, tem muito banco quebrando e nós, aqui, estamos numa situação muito mais tranqüila. Não que não corramos risco. Poderemos correr risco, porque uma recessão em caráter mundial pode trazer prejuízos para todos nós. Entretanto, estamos mais sólidos, mais precavidos, o nosso sistema financeiro não está envolvido no *subprime*, fizemos as lições de casa e eles não fizeram. Eles, que passaram as últimas três décadas dizendo o que a gente tinha que fazer, não fizeram.

A ironia do destino é que a crise é dos países ricos. E são exatamente os países emergentes que estão a sustentar o crescimento da economia mundial hoje. Vamos trabalhar fortemente para que não diminuam os investimentos internos e o crescimento do mercado interno de cada país e para que as nossas economias continuem crescendo.

Ao mesmo tempo, quero o bem do povo americano. Acho que ninguém merece uma crise. São mais de 340 mil famílias que perderam suas casas, nos Estados Unidos. Então o que quero e estou torcendo para que aconteça é que o governo americano, o congresso americano, os empresários americanos e o povo americano encontrem logo uma saída, que não permitam que a disputa eleitoral do próximo mês atrapalhe as decisões econômicas que têm que ser



tomadas pelos Estados Unidos, para que a crise não se aprofunde a outros países.

Não acho justo é que nós, que passamos fome no século XX, que começamos a melhorar um pouco no século XXI, sejamos sacrificados porque o sistema financeiro internacional virou um cassino, em que as pessoas apostavam em ganhar dinheiro fácil sem nenhuma responsabilidade. Pois bem, aconteceu. Então, agora, é hora de juízo, de responsabilidade, de fazer o que tem que ser feito para que o mundo continue crescendo, porque ainda tem muita gente passando fome no mundo.

**Jornalista:** Queria perguntar primeiro para o presidente Lula sobre as conversações que o senhor vai ter, mais tarde, com o presidente do Equador, o presidente Correa. O que o senhor espera falar sobre o caso da Odebrecht? Quais são as propostas que o senhor tem, o que pode sair de acordo dessas conversações?

**Presidente:** A minha resposta é muito rápida, porque somente depois que eu conversar com o presidente Rafael Correa, poderei falar com você e responder a sua pergunta. Eu quero ouvir o presidente Rafael, fazer as minhas considerações, e não tenho dúvida nenhuma de que o Equador é um grande parceiro do Brasil, de que o Rafael é um grande amigo do Brasil e de que o Brasil é amigo do Equador. Se teve um problema com uma empresa, esse problema será solucionado, e nós continuaremos parceiros como sempre fomos.

**Jornalista:** Boa tarde, presidente Chávez. Boa tarde, presidente Lula. Presidente, como é que vai funcionar mesmo esse gabinete de crise, como é que o senhor pensa que ele deve trabalhar? Deve ter reuniões semanais? Qual o tempo, de quanto em quanto tempo a reunião? Quem deve comandá-lo?



Gostaria de saber do senhor, também, se existe alguma perspectiva de novo aporte de capital do BNDES para socorrer os exportadores, principalmente os exportadores, diante da escassez do financiamento internacional.

Só mais uma pergunta para finalizar, Presidente: diante desse quadro, os brasileiros assistem com uma certa apreensão a essa crise. Qual a mensagem que o senhor deixaria para os brasileiros? Justamente nesse momento em que o Brasil se vê com perspectiva de um crescimento forte e duradouro, vem essa crise internacional deixando a todos apreensivos.

**Presidente:** Também vou ser curto, aqui. Primeiro, é importante esta pergunta, porque me permite dizer que tenho me reunido sistematicamente com o ministro da Fazenda e com o presidente do Banco Central, e não existe uma espécie de “gabinete de crise”.

Aliás, ontem vi uma matéria dizendo que eu tinha colocado o presidente do Banco Central para coordenar. Então, posso te dizer, o gabinete de crise é (inaudível). Tanto o nosso presidente do Banco Central quanto o ministro da Indústria e Comércio e o ministro da Fazenda precisam sistematicamente estarem conversando entre si para que façamos uma aferição de como estão as nossas exportações, as nossas importações, como está a entrada de dólar, a saída de dólar. Nós temos que acompanhar, mas não existe um gabinete criado.

Eu é que sou um curioso por Economia, desde o tempo em que eu era presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo. Então, eu tenho, não sei se defeito ou virtude, de sistematicamente convidar o meu ministro da Economia, o presidente do Banco Central para conversar, mas não é agora, não, é sempre.

Segundo, não vamos permitir que falte dinheiro para cumprir as coisas que temos que cumprir. Obviamente sou esperançoso de que os Estados



Unidos resolvam parte da crise. Vocês vejam que ontem as Bolsas entraram em pânico, hoje, todas elas já estão crescendo. É preciso que a economia não seja feita de sobressaltos.

O FMI está lá nos Estados Unidos, o Banco Mundial está lá nos Estados Unidos, grandes economistas, prêmios Nobel da Economia estão lá nos Estados Unidos... É importante que todos eles aconselhem os homens da economia dos Estados Unidos, porque se tratando de política econômica, não é bom ter sobressalto. A coisa tem que ser feita com muita tranquilidade, com muita transparência, para que o mundo se coloque com uma certa calma.

Hoje quem financia mais exportação, no Brasil, é o Banco do Brasil, não é o BNDES. E nós estamos acompanhando as finanças destes dois bancos para saber aonde é que o gargalo vai apertar. Até agora, não tivemos problema. É importante lembrar que os rumores da semana passada foram por outro problema e não por falta de financiamento das exportações.

Eu poderia dizer que sou um homem que hoje está tranquilo, acompanhando com apreensão. É como se eu recebesse a notícia de que um amigo meu está internado no hospital. Eu não estou doente, mas fico apreensivo com o que pode acontecer. Então, estou apreensivo com a crise, porque o Brasil é um país exportador, porque o País quer continuar crescendo. Mas do ponto de vista das nossas exportações, das nossas importações, até agora não há nenhum problema grave.

Nós poderemos ter um problema de crédito no mundo inteiro. Na conversa que tive em Nova Iorque com alguns representantes de outros países, sugerimos até que fosse separado o que é o cuidado com o crédito podre espalhado pelo mundo e o que é financiamento do setor produtivo.

No Brasil, vamos tomar cuidado para que as coisas não aconteçam, o PAC vai continuar funcionando, e as obras de infra-estrutura vão continuar acontecendo.



A mensagem que eu poderia dizer ao povo brasileiro é que o momento é de a gente acreditar neste país, no mercado interno deste país, acreditar que não seremos vítimas como já fomos outras vezes e, ao mesmo tempo, torcer para que os americanos resolvam o problema.

(\$31FGJLMP)